

Os Montes de Oração: etnografia de uma experiência religiosa.ⁱ

CRISTIANE CANDIDO SANTOS, THIAGO MATIOLLI

Resumo

O presente trabalho se propõe a analisar um fenômeno religioso muito comum no universo evangélico: a subida ao Monte de Oração. Que, a nosso ver, se apresenta como um exercício importante para um fortalecimento da relação com o sagrado. Para tal intento, exporemos questões suscitadas em nosso trabalho etnográfico no Monte Serra Grajaú-Jacarepaguá juntamente com análise bibliográfica sobre o tema. A divisão do trabalho busca situar os pentecostais e suas relações com os Montes; o Monte enquanto prece, a partir de uma compreensão de Marcel Mauss, e as considerações finais cujo intuito é mais propositiva/expositiva do que responder e trazer conclusões fechadas sobre esse fenômeno.

Palavras - chave

Pentecostalismo, prece e lugar de oração

Abstract

This article aims to examine a very common phenomenon in the religious evangelical universe: to climb Monte de Oração. We believe this place has great significance for those who seek higher spiritual fulfilment. Therefore, we will explore the issues raised in our research at Monte Serra-Grajaú in Jacarepaguá as well as relevant literature on the subject. We will discuss the Pentecostals and their relationship with the hills and how they see the Mount as a holy place, as mentioned by Marcel Mauss. We will also try to get a true understanding through our conclusions on this phenomenon.

Keywords

Pentecostalism, holy place

Em um vídeo postado no site You Tube, vemos um rapaz em frente a um morro, com uma lista na mão citando o nome de algumas pessoas pelas quais irá orar. Ele está para iniciar a subida ao monte e as pessoas são fiéis com quem ele entrou em contato através da internet e pelos quais ele fará pedidos de bênçãos no morro. O filme tem três partes totalizando mais de vinte minutos.

A subida começa, ele mostra a lama, os pedregulhos, capins dificultam a passagem, e até alguns animais perigosos que ele encontra pelo caminho. Mas nada que esmoreça sua vontade de subir ao monte para orar. Por outro lado, ele mostra os pontos interessantes do caminho: as belezas da natureza, as

522

cachoeiras e o silêncio. Elementos que parecem tornar muito interessante a oração no monte por ligar os fiéis de maneira mais forte à natureza ao afastá-los do “mundo”.

Acreditamos que muito do que acontece no mundo virtual é reflexo do que se passa na realidade concreta. Interações que são mediadas por telas, fios e teclados põem em jogo sentimentos, desejos e expectativas que estão presentes na vida cotidiana. A internet expande as possibilidades das relações e das experiências. Quando nos deparamos com determinados fenômenos que ocorrem e são reproduzidos em sites de relacionamento, blogs e outras plataformas que permitem viver outra vida, parece que encontramos relações de mesmo conteúdo, mas em formas diferentes.

Assim, uma rápida pesquisa no orkut com as palavras “monte” e “oração” surge em nossa tela; mais de uma dezena de links com comunidades em que fiéis se propõem a contar e compartilhar suas experiências nos montes de oração.

Isso faz com que nos perguntemos que fenômeno é esse que invade a rede? O que leva os fiéis a cumprir alguns trajetos complicados para alcançar mais iluminação espiritual? O que dizem eles? Adiantando que vamos localizar este fenômeno como evangélico, também são dúvidas: porque o Monte toma uma importância tão relevante para aqueles que buscam os dons espirituais, se as práticas de busca de manifestação espiritual sempre ocorreram dentro dos templos e são intrínsecas ao pentecostalismo? O que leva à subida ao Monte, que embora seja uma prática aceita entre os pentecostais, não é seguida por todos? Tais questões fazem ainda mais sentido quando lembramos que é recorrente para os evangélicos que Deus não está em um lugar específico: ele é tido como onipresente.

Essas são perguntas que movem este trabalho e que tentaremos não responder definitivamente nas próximas páginas, mas abrir possibilidades que nos permitam entender este nosso objeto particular, os montes de oração, e também as formas distintas que a experiência religiosa ganha.

Montes Evangélicos e Pentecostais

O campo religioso brasileiro se encontra em efervescência. As transformações são quantitativas e qualitativas. Ao mesmo tempo em que vemos surgir novas religiõesⁱⁱ, as já existentes e consolidadas passam por um processo de renovação, são exemplo: a Renovação Carismática Católica e as igrejas neopentecostais. Estas seriam um dos sinais mais claros desta ebulição.

No Brasil, o crescimento do protestantismo foi constante em todo século XX e, mesmo atualmente, esse processo ainda se mantém devido, sobretudo, ao grande incremento que tiveram as igrejas pentecostais nas últimas décadas. O neopentecostalismo, inegavelmente, tornou-se um dos movimentos religiosos de maior expansão no Brasil.

Muitos estudiosos atribuem esta elevada expansão à grande competitividade entre suas diferentes confissões religiosas, que buscam cativar segmentos ainda não incorporados por nenhuma outra. Com esse intuito, elas lançam mão de diversas estratégias mercadológicas para transmissão de mensagens bíblicas, atraindo, assim, fiéis de outras denominações evangélicas, além daqueles que até então eram avessos às práticas evangélicas. Buscam adequar aos mecanismos da sociedade moderna pretensões universalistas de conversão, de modo que seguem se fortalecendo e renovando para conquistarem o maior número de fiéis.

As igrejas pentecostais caracterizam-se, principalmente, pela busca dos dons espirituais, sendo avivalistas e tendo características carismáticas. Nesse sentido, há um apelo performático e emotivo muito forte na forma como se configura a relação dos fiéis com Deus, o que é demonstrado nas reuniões caracterizadas pelo batismo com o Espírito Santo, que é evidenciado na manifestação de línguas estranhas (glossolalia), na interpretação destas línguas, nas profecias e nas curas divinas; gerando um momento de catarse nos ritos, fruto da busca divina. Esta busca pelo “poder de Deus” e pelos dons evidenciados de uma maneira objetivada e concreta no decorrer dos cultos é muito corrente dentro do pentecostalismo. Isto ocorre não necessariamente durante todo o tempo do culto, mas, em algumas reuniões, esta busca é o centro, pois é o momento em que os fiéis se deixam levar pela atuação e manifestação do Espírito Santo.

A subida aos Montes de Oração nos parece mais forte entre os pentecostais - que buscam grandes experiências espirituais e a manifestação dos dons -, mas segmentos tradicionais dentre os evangélicos também participam desta prática, mas, acreditamos, em menor número.

A prática de subida ao Monte de Oração tem sido recorrente entre algumas denominações pentecostais, prática esta que tem gerado polêmica e discussão entre os evangélicos, pois, dependendo da interpretação que fazem da leitura bíblica legitimam ou não esta prática religiosa. O Monte, para os adeptos desta prática, é tido como um lugar de sacrifício no qual as pessoas vão com propósitos de jejum para adquirirem misericórdia em situações que eles desejam; todavia, não apenas isso, mas um lugar que eles atribuem ter uma

maior intimidade com Deus, lugar para se buscar uma comunhão maior com o sagrado, se fortalecendo, assim, espiritualmente.

Muitos que aderem às orações nos Montes o fazem em analogia a passagens bíblicas que contêm especificações de que Deus manifestava seu poder nos montes. Citam o exemplo de Moisés que subiu ao Monte Horebeⁱⁱⁱ para receber a Tábua dos 10 mandamentos. Em referência ao Novo Testamento fazem menção a Jesus que foi orar no Monte também^{iv}. Assim, a simbologia do Monte está muito ligada ao divino e também ao sacrifício para expiação de pecados. Não há sacrifício animal, mas o sacrifício pessoal, inserido nos ideais de uma vida ascética e de renúncia secular que atingirá o divino num contato íntimo na busca no lugar santo na figura do Monte.

Os que não são adeptos desta prática a criticam pelo fato de não entenderem a subida ao Monte, hoje em dia, com referências bíblicas em seu sentido literal. Afirmam que estas práticas são puro misticismo, não condizendo com uma fé mais racional que não necessita de experiências extraordinárias para ter a certeza de um contato com o divino. Estas são algumas divergências que nos apontam possíveis incongruências teológicas entre os grupos de diferentes denominações evangélicas. Assim sendo, vamos a partir deste tópico nos aproximar da aplicabilidade dos montes para a representação da fé, onde os pentecostais com maior frequência participam de um processo que consiste em levar suas necessidades em forma de oração a lugares altos com uma finalidade específica. Chamaremos de “Circuito dos Montes”.^v

O Monte Sião

O Monte de Oração escolhido para a pesquisa etnográfica foi o Monte Sião, um Monte localizado no bairro de Jacarepaguá, na Curicica, zona Oeste do Rio de Janeiro. Este lugar foi escolhido porque é um Monte muito conhecido na região de Jacarepaguá, sendo que o monte da Covanca Pretos Forros, na serra Grajaú-Jacarepaguá, está interdito, ele tem, na entrada, uma placa do IBAMA proibindo a entrada.

O Monte Sião é conhecido por todos da região de Curicica. Ele localiza-se no final de uma rua, em uma área residencial. Existe um ponto de ônibus em frente a esta rua, e no poste há uma placa escrita: Monte Sião, sinalizando a todos que aquela é a rua exata. Todos os dias por todo o tempo é grande o movimento de crentes em direção ao Monte que fica no último terreno da rua. O horário de maior movimento é na parte da noite, pois é o horário em que muitos voltam do trabalho, além de terem o hábito de fazerem vigílias de oração na

parte da noite. Na parte da manhã também há um bom movimento, embora em menor número de pessoas, principalmente mulheres, que entregam seus propósitos de jejum^{vi} em prol de alguma causa específica ou que praticam sua devocional no Monte.

O Monte Sião é um terreno grande comprado pela Assembléia de Deus que murou o terreno e colocou um portão, que fica aberto para quem quiser entrar e orar. O muro do terreno é em formato triangular e na parte do portão há uma elevação como se fosse uma torre de vigilância e um portão imenso, remetendo a muros e portões de um castelo. Há também a construção de dois banheiros, um masculino e outro feminino.

No portão há uma placa com diversos dizeres proibitivos: proibido encontros amorosos, proibido entrar sem camisa entre outras coisas. No caminho perto da entrada há uma espécie de forno de cimento onde as pessoas queimam seus pedidos de oração. No meio do terreno há um lugar um pouco mais alto com uma cruz e alguns vasos de planta. O chão do terreno é meio rochoso com certo gramado. Pode-se contemplar do terreno, uma boa parte de Jacarepaguá, uma vista panorâmica muito bela. Assim sendo, este terreno não é um monte propriamente dito, no sentido geográfico do termo, mas apenas um lugar alto, um terreno no final de uma ladeira, que recebeu características simbólicas de um Monte de Oração.

As pessoas do lugar já estão acostumadas com a grande circulação de pessoas. Muitas quando vêem pessoas com o estereótipo de crente já se antecipam em dizer: é só subir por aqui. A Ladeira é bem íngreme e a subida cansa um pouco. No caminho há dois terreiros de umbanda; quando os crentes vão subindo, muitos estendem as mãos para estes lugares e começam a dizer: “Senhor, joga por terra”, “Sangue de Jesus tem poder”, “Tá repleendido no nome de Jesus”, entre outros. Mas não o faziam de maneira chamativa. Além disso, eles vão subindo de maneira reverente, orando e cantando cânticos enquanto sobem. Muitos chegam de carro ou táxi, que os deixam na porta de entrada.

O grupo acompanhado era composto em sua maioria de jovens em torno de quase trinta anos, havia a presença de duas mulheres de quase sessenta anos que subiam com estes. Estas, por terem o que eles consideram uma maior maturidade na caminhada cristã, acabam assumindo uma posição de liderança no grupo. Ao chegar à porta de entrada, todas as pessoas fazem a mesma coisa: oram. A oração feita à porta de entrada do Monte é para consagrar-se para entrar no Monte, local que atribuem como sendo santo. As orações são feitas para que Deus os perdoe de pecados, agradecimentos por poderem ter chegado lá, para que Deus se manifeste a eles etc. Tendo feito isto, eles entram na área de

culto - que já tem vários grupos distintos de pessoas -, e escolhem um lugar para ficar. Em cada grupo sempre há um líder, que, na maioria das vezes é quem coordena o proceder das pessoas. Entretanto, não há uma liturgia comum, mas geralmente procede-se assim: ao entrarem, cada um faz sua oração individual, colocando suas questões pessoais em uma oração íntima. Depois disto, começa a oração coletiva onde as pessoas oram em comum acordo por causas específicas. Se alguém estiver com algum problema e ao compartilhar com o grupo, todos se sentem na obrigação moral de orarem pela causa alheia, numa espécie de clamor coletivo para pedirem a Deus que aja de misericórdia e resolva a situação descrita. Há um momento em que cantam músicas, em outros compartilham versículos bíblicos, coisas que estão sentindo vontade de dizer. Neste momento coletivo, as pessoas vão se deixando levar pela experiência religiosa coletiva e cada um expressa da sua maneira: uns riem, outros choram, outros agradecem com palavras de louvor a Deus. Parece que há certa desordem nisso, mas, pelo contrário, cada momento descrito tem seu momento para acontecer; não é algo determinado pelo relógio, mas um momento em que eles sentem que devem fazer determinadas coisas, pois, segundo eles, quem os guia é o Espírito Santo de Deus, é ele quem dita e comanda o grupo. Logo, quando um começa a ler a Bíblia todos respeitam, manifestando-se um de cada vez.

O grupo que acompanhamos ficava cerca de duas horas no Monte fazendo suas orações; entretanto, há relatos de pessoas que passam a madrugada inteira em oração. Há pessoas que levam barracas de camping para ficarem 24 horas ou mais naquele lugar. Muitas saídas de praia para não sentarem no chão, colchonetes, além de pandeiros e violões, instrumentos que são tocados, geralmente, pelos jovens. Muitas pessoas levam fotos de pessoas queridas para serem oradas no Monte, os motivos são geralmente para serem libertas de vícios, prostituição – não no sentido literal, mas alguém que tenha uma regular troca de parceiros sexuais -, para que venham se converter, para serem curadas. As fotos servem para se fazer uma representação daqueles que não estão de corpo presente; é como se os ausentes estivessem ali no monte também. Por fim, ao se prepararem para irem embora, eles colocam os pedidos de oração - papéis escritos pelas pessoas - e os queimam em uma espécie de forno que está presente no Monte. Esta prática de queimar pedidos é bastante comum entre os adeptos de subir ao Monte, é como se a fumaça subisse como incenso a Deus^{vii}. Depois disto, o grupo vai embora, se reunindo do lado de fora para fazerem a última oração de agradecimento a Deus pelas horas em que puderam estar na presença Dele e para que Deus os abençoasse na volta para casa.

O Monte enquanto prece

Seguindo nossos esforços de construção de um pano de fundo teórico para o melhor entendimento dos Montes de Oração, vamos apresentar uma reflexão à luz do pensamento de Marcel Mauss com relação à prece. Sem a pretensão de elaborar uma interpretação definitiva deste fenômeno, vamos realizar um exercício teórico de exploração da forma como os Montes de Oração reproduzem uma dimensão particular e atual da experiência religiosa e da prece, ao mesmo tempo em que pretendemos discutir as idéias de Mauss a partir do nosso objeto.

No processo de construção do objeto, ocorreu algo de peculiar: tínhamos um fenômeno, nos deixamos levar, acompanhamo-nos e coletamos bastante informação sobre ele. Ao fim da coleta, movida pela curiosidade e sem um pano de fundo teórico consolidado, nos vimos na necessidade de classificar e refletir sobre os dados.

Partíamos do texto: “Liturgia da espiritualidade popular evangélica brasileira, um olhar antropológico”, de Valdemar Figueredo Filho (2006), onde ele descreve o chamado “circuito de Montes Santos”. O autor apresenta um relato de cada monte por ele visitado^{viii} através dos quais podemos observar algumas semelhanças e diferenças. Disso, ele presume a não existência de um padrão de liturgia nos montes, embora haja semelhanças, como por exemplo, seus freqüentadores são na maioria de igreja pentecostal.

Com os dados e esta breve referência, chegamos à conclusão de que estávamos frente a um objeto deveras complexo, onde se sobrepunham diversas dimensões da vida dos indivíduos que buscavam elevar suas orações. Após um tempo, a subida ao monte começou a nos apresentar indícios de ser um fato social total (MAUSS, 1974 [1924]). Ao nos debruçarmos sobre a leitura de Mauss e suas reflexões sobre a religião, esbarramos com o tema da “prece” que, sobre seu ponto de vista pareceu acolher bastante o nosso objeto.

Acreditamos que podemos pensar, através dos montes de oração enquanto “prece” a relação entre o mito e o rito, a união do rito com o credo na prática religiosa, ao mesmo tempo em que através da oração do monte podemos ver várias correntes que perpassam o “conjunto religioso”, expressando, por um lado a espiritualização e individualização das quais o autor fala, ao mesmo tempo em que mantém o reforço dos laços comunitários e sociais dos indivíduos que oram no monte, nos lançando de volta ao fato social total, tema ao qual voltaremos nas considerações finais. Apresentando uma complexidade exterior e interior que merece receber sobre si uma análise mais retida.

Para sistematizar nossas reflexões vamos explorar três dimensões da relação entre a prece e o monte de oração: a primeira englobando a relação mito e rito; a segunda pensando a oração no monte a partir de dois contextos diferentes: como “gesto mínimo” e “composto”^{ix}; e a terceira, analisando a questão da eficácia na busca pelos montes de oração^x.

O rito e o credo no monte de oração

Nesta seção vamos abordar a dupla característica da prece, a de ser rito e mito ao mesmo tempo. Partiremos do trabalho de Reesink (2009). A autora trabalha a forma da prece católica, mas suas reflexões nos são muito úteis. Por exemplo, antes mesmo de abordar o tema central da seção, podemos apontar a distinção que ela faz entre prece e oração (*prière e oraison*).

A autora aponta que os crentes (evangélicos) oram e os católicos rezam. Essa distinção é muito importante para os evangélicos, grupo que estamos estudando. São estes que costumam marcar esta distinção. Isso é algo que foi percebido em discurso de uma informante da pesquisadora e, vimos também, em discursos presentes em nossos informantes do Monte Sião. Os evangélicos costumam se importar com esta distinção, pois a reza é entendida como uma forma fixa de se dirigir a Deus. São palavras muitas vezes repetitivas e pré-estabelecidas, tais como as preces em que se utilizam os terços. Segundo Reesink, a oração é percebida “como liberta de toda forma e de todo ritual: é a consciência individual que se volta à divindade cristã” (2009,pg34). Os evangélicos enfatizam muito a questão da liberdade de oração, livre de formalismos, já que o surgimento do Evangelho possibilitou que, a partir de Jesus, o homem pôde se dirigir a Deus como se fosse seu pai, bem diferente de um Deus demasiadamente exterior ao homem como era o Deus do Antigo Testamento.

é apenas na sua forma de reza e de oração que a prece aparece como ato, como agência, pois se pode *rezar* e *orar*. Isso sugere que a própria dinâmica da língua portuguesa já permite apresentar a prece como categoria, que englobaria as suas diferentes concepções e agenciamentos. Seguindo esse raciocínio, parece claro que toda forma de prece, entendida como categoria, mesmo se íntima e individual, é sempre social (Mauss 1968 *apud* Reesink, 2009,pg.34)

Este é um exemplo de como o trabalho de Reesink pode nos ajudar, ainda que tome como objeto de análise a prece católica.

No que é pertinente a esta seção, a autora aponta, seguindo Mauss, que a prece é ao mesmo tempo palavra e ação, “crença e culto”. A enunciação no

momento da oração é uma ligação direta com o sagrado, o que lhe confere um aspecto ritual; ao orar o fiel busca a relação direta com Deus e a tentativa de obter resultado aos seus pedidos. Por outro lado, ao utilizar a linguagem, a prece geralmente indica as circunstâncias e os motivos pelo qual se está fazendo-a, enchendo-lhe de sentidos e enriquecendo-a de idéias tal como um mito (*ibid*).

Essa relação nos parece exacerbada na oração no monte. Por ser intermediada pela linguagem, está confere um caráter plástico à oração, por conta da sua imaterialidade e pelos múltiplos significados semânticos por trás de cada palavra. Esta plasticidade é reforçada na busca pela elevação da prece no monte, ao mesmo tempo em que essa mesma busca reforça o aspecto ritual da prece por requerer um espaço especial para uma relação mais eficaz com o sagrado. Em outras palavras, orar no monte é fruto do caráter plástico da prece por se basear na palavra e não ter a fixidez das regras da reza, expandindo o “domínio da livre conversação”; ao mesmo tempo em que passa uma idéia de ritualização ao ter todo um trajeto a ser seguido a um lugar especial para a re- ligação com o divino.

Se estamos certos, a individualização que a prece, em suas formas mais modernas (Mauss, *ibid*), confere ao fiel por se basear apenas na palavra se torna um ponto complexo na oração no monte: o fiel que ora no monte tem seu momento íntimo com Deus ao chegar ao topo, porém seus pedidos e motivações trazem à tona o reforço de laços comunitários com as pessoa que o acompanham na subida e com os familiares a quem representa.

Esta complexidade do monte se oferece, pois consegue por em ação o culto e a crença de maneira explícita. O primeiro por deixar aparente que os fiéis estão orando e a segunda por ser fruto da plasticidade da oração enquanto palavra, ainda que dentro de dados limites simbólicos, afinal essa elevação da prece não é um formalismo da Bíblia^{xi} ou de outro livro sagrado, mas uma possibilidade apresentada pela liberdade de forma da prece que toma a forma de um rito efetivo.

Os contextos dos montes de oração.

Reesink (*ibid*) em seu trabalho sugere que o a prece católica é um *ritema*^{xii}, a partir desta definição a autora propõe o estudo da realização da prece entre os católicos da Casa Amarela a partir de três contextos: a prece como gesto mínimo, como composto ou a relação-comunicação entre vivos e mortos.

No primeiro destes contextos, falamos em orar como um gesto mínimo, no sentido de uma economia de gestos através da linguagem oral expressada, muitas vezes até por murmúrios, permite com que o fiel se ligue a Deus em qualquer hora e lugar, não necessariamente no templo religioso. Em outras palavras, a simples enunciação é suficiente para a configuração da oração, não sendo necessário nenhum outro ato para confirmá-la.

A oração em um contexto composto significa dizer que a essa é parte de um complexo de oração maior, como no caso do terço católico. E o terceiro contexto é aquele no qual a oração serve para reforçar a relação com os entes queridos que já se foram.

Vamos explorar os dois primeiros contextos, pois esta relação entre vivos e mortos não aparece no contexto evangélico. Orações pelos mortos são consideradas heresias e é um ponto de bastante crítica em relação a este tipo de religiosidade católica. É uma leitura muito freqüente entre os evangélicos de modo geral.

À primeira vista parece difícil pensar a subida aos montes de oração como um gesto mínimo, afinal está longe de expressar uma quantidade pequena de gestos rituais para a oração se realizar. Pelo contrário, teria todo um processo que seria muito melhor entendido se pensarmos na oração no monte como uma *oração composta*. Novamente, sem querer por uma pedra neste assunto, nos parece possível analisar o fenômeno em tela sob as duas óticas: como gesto mínimo e como composto.

Começando pelo final, ainda que não seja um processo religioso formalizado como o terço, subir aos montes para orar parece um todo estruturado de oração. Primeiro, teremos de encarar a subida do monte como uma entrada e consagração para experiência a ser vivida no topo do monte, cercada de ascetismo e pela superação das dificuldades ambientais e topográficas em prol da ligação direta com Deus. Tudo isso praticamente repetido na descida, ainda que a descida possa ser menos dolorosa. Esses dois momentos são necessários para complementar a sensação e os sentimentos que surgem no momento atual da oração no topo do monte.

Se isso puder mesmo ser dito, a oração realizada no espaço mais elevado do trajeto seria um momento, dentre outros, pelo menos a subida e a descida (podemos imaginar que haja outros) da oração. Assim, não faria sentido orar no monte se os fiéis não passassem por estes momentos anteriores e posteriores a prece em si, fechando um circuito composto no qual podemos entender elevação do espírito a Deus em uma concatenação de práticas complementares que não fariam sentido se isoladas em si mesmo.

Por outro lado, o monte pode ser tomado pelo seu lado simbólico, isto é, sem uma subida dificultosa, ascetismo exacerbado ou outros desafios necessários para um considerado aumento da elevação da mente ao divino. Dessa forma, bastaria a simples concepção de um espaço elevado como um monte para que, através de um mínimo de gesto, a enunciação das palavras, os murmúrios, uma variedade de significados e sentidos seriam postos em prática. E as experiências bíblicas de Moisés e outros que oraram nos montes seriam reproduzidas por um mecanismo gestual mínimo.

Como falamos acima, a oração no monte é algo complexo. Não só por colocar em prática correntes sociais que marcam a experiência religiosa, mas também por reforçar e ampliar o “livre domínio da conversação” e tomar distintos formatos. Estes formatos poderiam montar um continuum que teria numa ponta a subida física, real e trabalhosa de um monte, geograficamente falando, contraposto, noutra ponta, pela subida puramente simbólica em um monte, bastando um lugar elevado para fazer a prece^{xiii}. Neste continuum geográfico/simbólico, uma miríade de formas de oração no monte são possíveis e cujas nuances podem ser percebidas se nos propusermos a pensar a oração como gesto mínimo ou composto.

A eficácia da oração no monte

A questão das palavras e da linguagem já foi abordada acima, mas a relação entre oralidade e oração nos remete para outro aspecto, a questão da eficácia. “Falando, pede-se um favor” (Mauss, 1968 [1909]: 78 *apud* Pina Cabral, 2009). Esta questão é muito relevante para a compreensão do fenômeno do Monte de Oração. A prece é um meio de agir e influenciar a divindade na tentativa de se obter alguma coisa – o que Pina Cabral chamaria de sugestões imperativas, no sentido que os deuses têm de responder –, não somente advogando em causa própria, mas, também em favor de outrem. Parte-se do princípio que Deus, ao partilhar do mesmo universo que os homens, embora esteja em outro plano, acaba sendo afetado pelas preces dos mesmos. A pergunta que surge é: as pessoas sobem ao monte para que suas preces sejam mais eficazes? O retorno é mais imediato?

O fiel parte do princípio de que há uma possibilidade comunicacional com Deus, pois atribui a este a capacidade para compreensão de suas agruras e demandas devido a um compartilhamento de uma condição religiosa na qual estão inseridos. E se este é fiel e credita força em um deus, ele julga que este o entenderá e desempenhará o seu papel; é o que Pina Cabral (2009) chama de caridade interpretativa, um sentimento de coresponsabilidade partilhada pela divindade, pois ela entende o sofrimento do fiel. O que

contribui para que os fiéis achem que vale a pena orar para a obtenção de alguma benção divina. Não é uma oração em que a intenção é apenas a ocorrência de reciprocidade. O fato é que tanto o fiel quanto a divindade interagem em uma condição comum, logo a questão da ajuda acaba sendo intrínseca nesta relação. “O que todas essas entidades partilham é o fato de nos entenderem e, por isso, sentirem por nós; estarem dispostas a responder sem para tal necessitarem de um interesse imediato. Só assim é possível conceber que o nosso pedido as possa levar à ação.” (*ibid*, 2009, pg.25)

As orações feitas nos Montes de Oração variam muito: podem ser petições por saúde, emprego, casamento, conversão de algum ente querido, entre outras. Aciona-se, assim, o plano espiritual mediante a prece, para se atingir a realidade do plano secular, mesmo que esta tenha como efeito apenas um conforto em si para o fiel, o que a torna eficaz, pois age profundamente sobre a consciência dos homens (Mauss 2003 [1913]:137-8 *apud* Pina Cabral, 2009,pg16). Mesmo não sabendo se Deus os responderá ou não, o fiel sabe que ele o está entendendo.

Então, ensaiando uma resposta à pergunta acima, mais uma vez captamos a complexidade dos montes. Podemos sim falar em eficácia, mas não em um sentido pragmático ou utilitário do tipo que busca, meramente, obter um emprego ou um carro mais rápido, pois assim Deus vai me “ouvir” melhor. Podemos falar em eficácia no sentido de uma comunhão com Deus. Ao juntarmos o “domínio da livre conversação” com a questão da eficácia, vemos que subir aos montes é uma possibilidade prática da prece e a experiência, ao mesmo tempo individual e comunitária, permite uma comunhão maior com Deus.

Se bem que não podemos resolver de fato esta questão, pois - ainda que de maneira geral haja uma busca pela eficácia da prece no pedido de oração - os sentidos desta eficácia podem ser variados, indo desde os pedidos mais utilitários aos mais subjetivos, como um aumento da comunhão com Deus, por exemplo. O que vai das vontades e foro íntimo de cada fiel.

Considerações finais

Chegamos ao final do trabalho com a certeza de que não definimos o sentido dos montes de oração, até porque não foi nossa pretensão. Quisemos entender melhor nosso objeto à luz do pensamento de Mauss, ao mesmo tempo em que buscamos contribuir para alargar as possibilidades de reflexão oferecidas por este autor com nossa pesquisa.

De maneira geral, Mauss ao colocar a prece como uma categoria social, tirando-a de uma questão apenas de foro íntimo, - já que o que ela expressa ao sair dos lábios do fiel é algo bem individual - não deixa de dar importância ao

fator individual. Cada um pode ter seu estilo de realizar suas orações, criar as suas próprias orações, entretanto, a questão trabalhada por Mauss é que, embora compostas por indivíduos, a partir do momento em que elas são proferidas e entram nos rituais, elas deixam de ser individuais. Ao se generalizar, elas passam a ser do domínio da coletividade, da esfera religiosa cuja existência social se dá fora do indivíduo.

Buscamos refletir sobre os montes de oração a partir do quadro teórico deste autor e, com auxílio de Reesink e Pina Cabral, refletimos sobre como o Monte reforça os aspectos de mito e rito da prece de que fala Mauss; com a análise de Reesink sobre os contextos em que se dá a prece, vemos que a oração pode ser um gesto mínimo ou composto; e discutimos, com Pina Cabral, a questão da eficácia da prece. Essa questão da individualidade e do coletivo/comunitário esteve presente em todos estes momentos.

O fato de orarem no Monte nos permite perceber esse caráter individual e ao mesmo tempo social da oração feita neste local. Os fieis que têm essa prática buscam uma separação do todo, e, ao fazerem isso, acabam por se individualizar. Mas estando no monte, acabam se voltando para a coletividade da qual tentaram se afastar, na medida em que oram pela manutenção e bom andamento da igreja, do coletivo num todo. E, ao fazerem isso, afirmam o caráter coletivo da prece, pois mesmo sendo orações individuais, é no social que ela ganha sentido. Embora ele possa orar em qualquer lugar, pois o caráter plástico da prece permite isso, ela ainda assim, seja em qualquer lugar onde seja proferida, ainda assim ela é “um fragmento de uma religião”, como diria Mauss. A prece pode assumir as mais diversas formas ou papéis diversos. Assim sendo, essa maneira de se individualizar também se remete à vida eclesial coletiva, para um bom andamento da igreja a qual pertencem. “Ao invés de ver na prece individual o princípio da prece coletiva, fazemos da segunda o princípio da primeira” (Mauss, 1979,pg.122).

Essa tensão nos ajuda a ensaiar uma resposta à seguinte pergunta: porque subir ao monte se Deus partilha conosco o mesmo universo simbólico e está em todo o lugar? Quando sobem aos montes, os fiéis oram por tudo: vida espiritual, pela família, finanças, pelo desempenho dos filhos na escola, para que o marido não perca o emprego, que alguém saia de algum tipo de dependência, para que se obtenha ganho de causa em alguma pendência judicial e que Deus venha a intervir de maneira favorável, assim esperam, na obtenção de alguma vitória. Estes são os diversos sentidos da eficácia de que falamos. Assim, não nos parece que responderemos à pergunta com relação à eficácia da prece em si, mas podemos tentar uma resposta com relação à prece como um fato social total, retomando idéia de Reesink.

No monte, como na prece, o fiel age e pensa; seus pedidos, ou sentidos da eficácia são diversos; os sentimentos e a identidade do fiel na hora da prece lá no topo são vários, é a sua comunhão com Deus, a sua comunhão com o grupo que o acompanhou, com sua religião, com sua família; os grupos que costumam orar juntos, saem juntos fora do contexto religioso, os laços se perpetuam para além daquele momento, como nos fala Durkheim (1996). Essa gama de sentimentos está sendo posta em prática com a oração do montes e é isso que nos leva a concluir que talvez possamos falar em eficácia para justificar a subida aos montes, mas não eficácia da prece na busca por uma resposta mais rápida para “sugestão imperativa”, mas na eficácia do fato social total que é o monte da forma como ele põe modos de pensar, agir e sentir em prática quando se realiza.

Referências bibliográficas

CABRAL, João de Pina. A prece revisitada: comemorando a obra inacabada de Marcel Mauss. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, n. 29, v. 02, 2009, pg. 13-28.

CAMURÇA, Marcelo. A realidade religiosa no Brasil no Censo do IBGE – 2000; In.: Teixeira, Faustino e Menezes, Renata (Orgs.) AS RELIGIÕES NO BRASIL: Continuidades e rupturas. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 2006.

DURKHEIM, Émile. *Formas elementares da vida religiosa*. Rio de Janeiro, Martins Fontes, 1996.

MAFRA, Clara. *Os Evangélicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da roca nas sociedades arcaicas. In.: MAUSS, Marcel, Sociologia e Antropologia; tradução de Lamberto Puccinelli. São Paulo, EPU, 1974.

REESINK, Mísia Lins. “*Rogai por nós*”: a prece no catolicismo brasileiro à luz do pensamento maussiano. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, n. 29, v. 02, 2009, pg. 29-57).

FIGUEREDO FILHO, Valdemar. *Liturgia da Espiritualidade Popular Evangélica Brasileira, Um olhar Antropológico*. Rio de Janeiro: Publit, 2006.

ⁱ Versão adaptada do trabalho apresentado na 27^a. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de agosto de 2010, Belém, Pará, Brasil.

ⁱⁱ No Censo de 2000, à pergunta “qual a sua religião?” chegou-se a 35.000 respostas diferentes (Camurça, 2006, pg. 37).

ⁱⁱⁱ Exôdo 3:1 onde diz que Monte Horebe é um monte sagrado.

-
- iv Lucas 6:12 é muito utilizado para legitimar tal prática.
- v Figueredo, V. (2006) utiliza “Circuito dos Montes” para analisar um conjunto de lugares altos que os pentecostais chamam de montes para realizarem sua prática de oração. Os Montes analisados por ele são notórios no meio pentecostal.
- vi Jejuar é uma prática corrente no meio cristão que consiste em abster-se de alimentos para um fortalecimento do espírito. Matheus 17:21.
- vii Apocalipse 8:4 Faz referência ao fato de a fumaça do incenso levar as orações até o céu.
- viii São cinco no total: Monte Horebe, Raíz da Serra, Tinguá, Ubatã e Grajaú-Jacarepaguá.
- ix Essas duas primeiras dimensões estão contempladas em REESINK (2009).
- x Tal como estudada por Cabral (2009).
- xi Ainda que seja informada por passagens bíblicas que influenciam os fiéis a querer orar nos montes, como as citadas anteriormente. Essas passagens reforçam o simbolismo e indicam como os montes de oração estão prenhes de sentidos e ligados uma credo.
- xii “Na falta do rito inteiro, a prece o substitui sem comprometer a sua eficácia; é a parte que substitui o todo sem o enfraquecer, tendo em vista que ‘toda prece é sempre, a qualquer grau, um *credo*’ (*ibid* [Mauss].:358)” (*ibid*, 2009, pg. 35).
- xiii Esse continuum também poderia ter em um dos extremos a oração como gesto mínimo e no outro a oração composta.